

Considerações finais

O que estamos fazendo aqui?

No decorrer do primeiro capítulo, observamos o contexto histórico que levou ao desenvolvimento da Psiquiatria, destacando a importância do trabalho de Pínel e Esquirol na organização deste campo. E não parece pouco traduzir tais esforços em torno da pergunta “O que estamos fazendo aqui?”.

Ainda que diretamente nenhum dos nomes citados no decorrer dos capítulos 1 e 2 tenham se feito esta pergunta, não deixaram de buscar respondê-la com ferramentas encontradas ou criadas.

Muitos anos mais tarde, já se referindo a experiência de Saint-Alban, outros nomes, novamente se propõem a fazer esta mesma pergunta. E motivados, talvez, pelos horrores da guerra, e certamente em outro contexto, encontram novos recursos para respondê-la.

Concomitantemente, desenvolve-se ainda mais a psicanálise, ferramenta tornada indispensável na busca por respostas.

O que estou fazendo aqui? Perguntou-se Oury, que ousadamente estendeu a pergunta até: O que posso fazer aqui?

Pergunta rara, feita por poucos, mais fundamental para quem tinha visto uma de suas principais fontes de inspiração e interlocução, Lacan, se fazendo a mesma indagação ao se deparar com o contexto psicanalítico francês de sua época.

Como resultado deste intrincado encontro entre perguntas, interlocutores e respostas, foi apresentado o capítulo 3. Nele, ainda que por vezes de forma confusa ou muito condensada, pode-se vislumbrar os desdobramentos da potência de um trabalho movido a perguntas.

Talvez bastasse esta contribuição geral, mover-se à perguntas, para nos repositcionarmos diante do cotidiano de nossas lidas em saúde mental, mas o texto avança, e se dirige para contribuições particulares no trabalho com Psicoterapia Institucional. Sendo desenvolvido, então, alguns de seus conceitos.

Este *flash* sobre a Psicoterapia Institucional apresentado aqui, também parece poder ser traduzido como um antídoto à burocracia tão impregnada nos serviços de saúde mental.

Impregnada, talvez, e isso não podemos esquecer, em decorrência da abertura fornecida por uma conjuntura de trinta anos atrás, quando ainda era o modelo hospitalocêntrico (de depósito humano) o que prevalecia nos cuidados à saúde mental. Com a internação psiquiátrica representando mais que uma possibilidade de tratamento; o destino do sujeito. Condenado o internado a, no máximo, desenvolver por sua própria conta e risco, estratégias de sobrevivência ao ambiente institucional.

Ora, se já estava dado de partida que a internação era o destino, e loucos condenados a viver em um depósito. A posição do trabalhador diante de deste ofício-de-cuidar-de-loucos, também estava eticamente comprometida.

Vale destacar que tal comprometimento (mundial sim, mas tão brasileiro), não atingiu apenas profissionais de nível fundamental ou médio, mas de nível superior, em especial psiquiatras, que durante toda uma geração se viu discriminada por seus colegas, tidos como “aqueles que tinham desistido da medicina”, ou “os menos capacitados”. Alia-se a este quadro geral de menos valor, a lógica mercantil (privatização do pátio manicomial/ ausência de controle do Estado), e um contexto político fundamentado em cidadãos tementes a seus próprios atos e palavras (período da ditadura militar), forçados ao silêncio.

Somando preconceito, lógica mercantil, e ditadura, teremos uma noção mais aproximada de para onde apontava o norte magnético do desejo dos trabalhadores deste campo. E, em contrapartida, paradoxalmente, o esforço heróico daqueles cujas vozes de destacaram como “isto importa”, sem naufragar na “necro-burocracia” das conjunturas da época. Conjuntura que, poderíamos dizer, esvaziada de desejo, sucumbiu à burocracia. Instância capaz de sobreviver, como organizadora de relações, quando não há desejo.

E o que isto tem a ver com a Psicoterapia Institucional?

Diretamente muito pouco, afinal, não se viu estudantes fazendo passeata contra a ditadura vestindo camisetas com os dizeres “S.O.S - Só Oury Salva”, ou empresários da loucura abrindo mão de seus asquerosos lucros porque tinham voltado de La Borde dispostos a por em prática as idéias de liberdade de circulação, lugares estruturados concretos, contratos facilmente revisáveis de

entrada e saída, e um acolhimento permanente dispondo de grades simbólicas e de mediações (os quatro axiomas básicos descritos por Vertzman). Não, nada disso aconteceu.

A P. I. e seus instrumentos, em especial o Coletivo, contribuíram, e contribuem, quando integraram política e clínica, na medida em que se ocuparam (e se ocupam) do pouco de surpresa que ainda restava (resta) na assistência, e a nutriu, a positivou, chamou de desejo, encontrando formas de não deixar escapar seu tesouro de possibilidades. Possibilidade que é mãe e pai da criação. E daí toda importância dada aos conceitos de acolhimento, ginástica de papais, conflito, além de espaços do dizer e, claro, o Coletivo.

Também afirmou que a psicose existe, é um fato, e deve ser levada em consideração quando se trabalha na busca pela cidadania do louco (me refiro aqui ao cuidado de Oury em separar a alienação social da psicótica, positivando a existência das duas, e nos obrigando a perceber, por exemplo, que apenas desinternar pode não ser “A” saída para resolver “O” problema da loucura). Nas palavras de Oury teríamos: “Frequentemente se esquece que o coletivo psiquiátrico não tem possibilidade de existência a não ser que haja psicose” (Oury 1980, p. 25). E daqui pode-se extrair alguma consequência do conceito de clube; como liga mais palpável que põe em andamento, nos dispositivos da instituição, os pressupostos descritos (ver anexo).

Retomemos alguns pontos apresentados na introdução: o que é acolher? Porque acolher é importante? Onde acolher? O que é necessário para se sentir acolhido? Como promover essa discussão no campo da reforma Psiquiátrica?

Foi ao redor do Coletivo que buscamos responder estas questões, apontando que uma vez posto em funcionamento, esta “máquina abstrata para tratar alienação” pode-se oferecer condições de possibilidade para a passagem de um ponto ao outro, de S1 para S2, encadando sentido aos e nos acontecimentos da vida. Podendo com isso reduzir passagens ao ato, ou as vivências mais alienantes da loucura.

Outro aspecto importante sobre a Psicoterapia Institucional está em sua metodologia de abordagem (ou convivência) com a loucura. Atualmente, no campo da saúde mental, Psiquiatria, e muitas vezes Psicanálise parecem de aproximar de seu objeto com a “sensibilidade de estatísticos e dissecionistas”, se distanciando cada vez mais do planeta, ou melhor, da constelação que é a loucura.

Tornando-a paradoxalmente, quanto mais se aprofunda em seu saber, mais invisível e insubstancial. A P.I. por sua vez, e em especial através do Coletivo, conforme a citação de Oury logo acima, “... não tem possibilidade de existência a não ser que haja psicose”. Aqui lembro de Erasmo de Rotterdam, autor do Elogio da Loucura, no qual a loucura é identificada no comportamento humano normal, no dia a dia, nas múltiplas expressões humanas, integrando-a nas relações mais diversas.

Mas não é só neste ponto que Erasmo e Oury se encontram; ambos valorizam a existência de humor e conflitos. Localizado por Oury no decorrer do trabalho, e de um trabalho em equipe.

Por ser Oury um autor de muitas metáforas, é justo terminar com uma que expresse bem este raciocínio. Desta vez uma metáfora musical que mostra resumidamente a harmonia e a criatividade desejável (ou desejada) de se encontrar nos diferentes acordes que constituem tanto a multidimensionalidade da doença mental, como nos saberes e membros que compõem uma equipe, e também no Coletivo:

Uma equipe, para tomar uma analogia musical, é como uma escala: com um certo número reduzido de notas, uma oitava, podemos compor quase uma infinidade de partituras. (Oury 1991, p. 8)

Enfim, muito mais teria a ser dito, e quem sabe o será em um futuro trabalho. Um que possa mostrar como o apresentado até aqui se articula no dia a dia do Núcleo de Assistência em Saúde Mental Casa Verde. Experiência carioca de trabalho inspirada na P.I. e que, este ano, celebra quinze anos de existência, quinze anos de Encontros, desencontros, e de tentativas em responder a “metafísica” pergunta: Mas afinal, o que estamos fazendo aqui?